



OS PARADOXOS DE QUEM FICA: EXPERIÊNCIAS FEMININAS EM TORNO AO PROCESSO EMIGRATÓRIO URUGUAIO

Alex Martins Moraes¹

A República Oriental do Uruguai, antes mesmo de converter-se em país expulsor, já registrava, desde a chegada dos imigrantes europeus na primeira década do século XX, uma incapacidade estrutural de absorver mão-de-obra. O primeiro saldo migratório negativo, registrado em 1960 (Taks, 2006), pode ser lido como desdobramento de uma dinâmica demográfica nacional configurada, historicamente, como adversa. Neste período, o Uruguai começava atravessar importante crise de hegemonia que seria marcada pelo surgimento da guerrilha urbana e o ascenso eleitoral da Frente Ampla. A contrapartida estatal materializou-se na intensificação da repressão política que desembocou no golpe de Estado cívico-militar de 1973.

Logo após o fim da ditadura, em 1985, retornaram ao Uruguai cerca de 20.000 exilados, entretanto, a posterior débâcle econômica que teve seu ápice entre 1999 e 2002 deixou um saldo de mais de 200.000 emigrados. A emigração parece ter se tornado uma resposta da população para a crise, com sua dupla face econômica e social. A consolidação de vínculos fortes entre os emigrantes e suas famílias e amigos no país de emigração permitiu que a reação frente às crises que se sucederam desde o golpe de 1973 fosse rápida (Pellegrino, 2008). Atualmente, pode-se dizer que o papel desempenhado pelos enclaves étnicos uruguaios no exterior permite uma atualização do processo migratório para além de causas econômicas mais imediatas. O capital social que muitos uruguaios acumularam do percurso migratório amplia seu leque de possibilidades no que tange a circulação. Ademais, a sensação de risco e estancamento que o pós-crise traz em seu âmago informa projetos familiares ou mesmo pessoais que incluam a emigração.

“Situação de emigração”, campo transnacional e experiências femininas

Situação de emigração e campo (social) transnacional são noções importantes à hora de contextualizar as experiências das quais me ocupo neste trabalho. Lydia de Souza (2006), no decorrer de uma longa observação e coleta de dados sobre a mobilização coletiva suscitada pelas partidas internacionais, registrou a existência, no Uruguai, de diversas associações – a maioria delas, ONGs – que reúnem familiares de emigrados e mantêm algum tipo de atuação relacionada com a questão migratória. Essas organizações constituem um espaço crescente que, de acordo com

¹ Graduando em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: alexmartinsmoraes@gmail.com



a autora, converteu-se em rede local extensa onde se dá a inflexão entre sociedade de imigração e emigrados. Souza aceita que a imigração é um evento essencialmente familiar, que implica várias gerações e exige uma série de reordenamentos entre os quais, o mais significativo seria a “re-definição de pautas culturais de interação” entre pais, filhos, netos, irmãos, etc. Nessa linha de reflexão, a autora ainda sugere que os espaços coletivos de gerenciamento do impacto familiar da imigração produzem “representações” que informam o “imaginário” coletivo, possibilitando, assim, que os famosos “mecanismos de expulsão ou atração” encontrem o terreno fértil a partir do qual se desdobrarão em dinâmicas migratórias concretas. As vivências coletivas – principalmente familiares – que vão conferindo significado social específico aos movimentos de população, mediante produção de categorias e novos papéis sociais, foram denominadas por Lydia de Souza como “situação de emigração”.

Se bem a noção de “situação de emigração” permite pensar as dinâmicas sociais construídas em torno dos fluxos de população como arranjos elaborados na intersecção/interação de variados discursos, os desdobramentos das análises que suscitou, aparentemente, perderam alcance descritivo dada uma hiper-valorização da dimensão das “representações” coletivas em detrimento de uma cartografia detalhada dos contextos etnográficos concretos. Em alguns casos, a análise antropológica parece ter ficado presa a uma hermenêutica das representações que, obviando as práticas dos sujeitos – e todas as eventuais contradições e ambiguidades que elas podiam acarretar –, suprimiu dimensões importantes da realidade, fundindo fatos sociais e categorias hegemônicas como se fossem uma só coisa que, logo, seria convertida em categoria analítica.

Assim, a constatação interessante de que o fenômeno migratório engendrava, no seio da família, uma re-definição de pautas culturais de interação foi, talvez precipitadamente, entendida enquanto processo de “desintegração” familiar. As ONGs que nucleiam parentes e amigos de emigrados, acertadamente identificadas como agentes que produzem discursos relativamente potentes e de ampla circulação sobre os sentidos de ficar ou ir embora, terminaram por ser interpretadas como “contentoras” ou mitigadoras da “situação de emigração”, apaziguadoras da *esquizofrenia identitária por la que transita no solamente el migrante, sino también su núcleo familiar y aún la sociedad de origen*². Ocorre que, na hipótese de tal “esquizofrenia” existir, esta não dever ser entendida como dado *a priori* da realidade. Sua validação ou refutação, portanto, dependerá da observação de um conjunto de relações sociais passível de ser percebido a partir da

² SOUZA, Lydia de. Padres con hijos en el exterior: la familia globalizada. Anuario Antropología Social Y Cultural En Uruguay, Montevideu, n. , p.143-150, 2006.



análise dos (des)encontros discursivos produzidos no momento em que as pessoas examinam suas práticas à luz do instrumental semântico de um campo de interlocução polifônico cuja morfologia não está alheia aos fluxos de poder e às estratificações hierárquicas. Essa perspectiva contribui à des-reificação dos dilemas identitário e possibilita entender as organizações mediadoras enquanto agentes dinamizadores potenciais de um jogo que põe em manifesto a diversidade e a hierarquia dos sentidos e ações possíveis de serem elaborados num contexto de emergência da emigração/imigração como “problema social”.

Durante trabalho de campo no Uruguai, defrontei-me com uma abrangente problematização social relativa à migração, em cujo contexto pude mapear diversos agentes (tanto da sociedade civil quanto do Estado), conectados mais ou menos diretamente entre si. O conceito de campo social transnacional³ elaborado por Glick Shiller (2004) conferiu organicidade às práticas que observava e introduziu em minha análise a dimensão dos fluxos de poder que, num âmbito mais abarcador, estruturam e mediam a inter-relação das pessoas. No esforço de identificação de agentes e seus respectivos discursos e ao mapear as narrativas individuais – que se bem dialogavam com noções de ampla circulação, descreviam motivações e práticas singulares – , observei paradoxos característicos do encontro entre os sujeitos e a migração.

As duas mulheres cujas narrativas são o aspecto central da presente reflexão têm seus filhos vivendo no exterior. Considero que os percursos e discursos de Dulce⁴ (60) e Amparo (56) refletem processos de negociação identitária vigentes num contexto familiar e social tingido pela imigração e não redutível apenas aos itinerários daqueles que concretizaram a saída do país. Dulce engajou-se na Asociación de Padres con Hijos en el Exterior (A.P.H.I.E.), ao passo que Amparo lançou mão de outras táticas – na acepção de Michel de Certeau (2008) –, concernentes ao âmbito doméstico e das relações sociais mais imediatas – familiares, entre vizinhos – , para conferir significado e fazer frente às contingências do processo emigratório. Interessa-me saber o que seus relatos dizem sobre a migração, entendida, aqui, como um fenômeno multifacético capaz de articular jogos sociais ao longo de um espaço que transcende as fronteiras nacionais e não se restringe apenas às práticas dos

³ O conceito de “campo social transnacional” proposto por Levitt e Glick Shiller (2004) se baseia nas propostas de Bourdieu e nas da Escola de Manchester. De acordo com este conceito, o campo social é um conjunto de “múltiplas redes entrelaçadas de relações sociais, através das quais se intercambiam de maneira desigual, se originam e se transformam as idéias, as práticas e os recursos. (...) As fronteiras das nações não são, necessariamente, contíguas com as fronteiras dos campos sociais (...) As redes dentro do campo conectam as pessoas que carecem de relações diretas através da fronteira, com aqueles que as têm. Ademais, as redes podem consistir em vínculos fortes ou frágeis, que contatam as pessoas que têm relações transnacionais com aqueles que não as possuem mas recebem influências diretas dos fluxos e idéias, objetos ou remessas coletivas dentro do seu campo de relações sociais” (Levitt, Glick-Shiller, 2004, p. 66). Tradução minha.

⁴ Utilizo nomes fictícios para minhas interlocutoras.



imigrantes. Para os objetivos que me proponho, faz-se necessário um constante trânsito entre a singularidade das percepções aportadas por Dulce e Amparo e a generalidade de um campo social mais abarcador, povoado por múltiplos agentes que serão evocados no decorrer do texto. Esse trânsito permite evidenciar conexões que põem as narrativas de um sujeito em diálogo e tensão com os discursos mais gerais acerca das problemáticas do seu tempo. Não se trata, portanto, de restaurar repertórios infinitesimais de práticas individuais acionadas pelos membros de algum coletivo definido *a priori*, mas sim, de situar as falas dos interlocutores em contextos específicos de discussão, tensionamento e coerção, com a finalidade de compreender como o “saber fazer” dos sujeitos evoca um momento histórico tão particular quanto as noções que as pessoas desenvolvem em torno às situações que aquele lhes impõe (Uriarte, 2007).

Dulce

No inverno de 2008, com a colaboração das sócias da APHIE, foi possível organizar uma entrevista grupal onde sete mulheres expuseram, ao longo de uma tarde, suas experiências relativas à emigração dos filhos. Durante aquela conversa, Dulce destacou-se: efusiva e entusiasmada, converteu-se na debatedora do dia, expondo, com rica performance, suas vivências enquanto mãe de uma emigrada e militante do movimento associativista.

Dulce começou a planejar sua emigração, ao lado da filha – Andrea –, para os Estados Unidos quando alguns primos chamaram-na por telefone oferecendo interessante oportunidade de trabalho na firma que acabavam de organizar. Como a urgência da demanda dos parentes colidiu com a morosidade dos trâmites que precisava fazer para deixar o trabalho, Dulce permaneceu no Uruguai e Andrea viajou com o namorado. Atualmente, sua filha trabalha em Washington como médica. Casou-se com um estadunidense e, de acordo com Dulce, *está muy bien contratada, muy bien considerada, hizo muchísimos cursos, es ciudadana, viene todos los años y yo voy todos los años.*

Nas reuniões da APHIE, Dulce tem a oportunidade de refletir coletivamente sobre as *etapas terribles* acarretadas pela emigração no seio da família. Quando minha interlocutora passa em revista suas experiências após a partida da filha, alude a um conjunto de *etapas* que, de acordo com ela, devem ser franqueadas pelos pais que têm filhos no exterior. Tais *etapas*, as mesmas evocadas por outras sócias da APHIE, culminariam com a reorganização da vida social e psicológica dos sujeitos em torno de uma desejada estabilidade.



As sócias da APHIE, no decorrer dos encontros que se repetem há anos, foram conformando um *ethos* cujo aspecto central parece ser o ideal da resignação, este concebido, abstratamente, como o desdobramento esperado das experiências familiares relacionadas com a imigração de parentes próximos. Atingida a resignação, *te afirmás: [Andrea me] viene a visitar, creo que va a empezar a ser más esporádica [...] ya se afincó, no va a volver.* (Dulce)

Refletindo sobre a saída massiva de uruguaios para o exterior, Dulce entende que se trata de um processo natural, dada as escassas oportunidades laborais no Uruguai, um país que *no se moderniza*. Essa situação fica patente para minha interlocutora, quando são aventados os logros financeiros obtidos pelos imigrantes – entre eles, sua filha –, em comparação com os tímidos incrementos alcançados pelos que ficaram. Quando Andrea vai ao Uruguai para visitá-la, Dulce percebe, também, mudanças na conduta da filha que, por momentos, é percebida através de categorias que definem os próprios estadunidenses (*capacidade de renovación; interés marketinero*).

Tendo em vista a experiência da filha, minha interlocutora tem muito a dizer sobre os percalços da imigração e as táticas que permitem mitigá-los. O imigrante é visto por ela como um sujeito à mercê de todo tipo de enganações (*estafas*) e restrições. Com relação a Andrea, *la estafó hasta un cura [padre] [...] seiscientos dólares le cobró [para sacar los papeles]*. Portanto, pondera Dulce, a emigração não pode ser vivida como *aventura*:

Don Quijote de la Mancha es un error. No podés hacer la quijetada de ir a probar una aventura. Hay que ir con algo fijo y saber y no probar [...] Hay que capacitarse, ir con capacitación, saber adónde se va, conocer el medio, porque podés tener la suerte de tener consulados que te apoyen o no. (Dulce)

Amparo

No período de trabalho etnográfico no Uruguai, uma colega brasileira comentou-me que conhecera, no ônibus da Empresa General Artigas que faz a rota diária entre Porto Alegre e Montevideú, uma senhora – Amparo – cujo filho havia emigrado para o Rio Grande do Sul. As duas conversaram durante boa parte do trajeto e, chegando ao destino, trocaram telefones. Fiz contato com Amparo e manifestei interesse em conhecer sua experiência. Encontramo-nos sucessivas vezes para conversar, fosse no Café Facal, fosse no hotel onde trabalhava.

Da narrativa de Amparo emergiram itinerários variados, todos eles marcados por rupturas importantes. Muito esquematicamente, posso dizer que Amparo experimentou, primeiro, uma



migração familiar para a Argentina, acompanhada do marido e dos filhos – Carlos e Andrés. Depois, filhos e ex-marido emigraram para o Brasil ao passo que ela seguiu no Uruguai.

A viagem para a Argentina (1972) foi decorrência da transferência do marido para uma sucursal da empresa onde trabalhava. Enquanto vivia na Argentina, Amparo construiu uma sólida rede de amizades com os vizinhos do povoado em que fixaram residência. Por outro lado, sua relação com o marido se desgastou porque, de acordo com minha interlocutora, seu machismo o tornava refratário às opiniões por ela aportadas.

Quando *aquel que era su esposo* – assim se refere Amparo ao seu antigo companheiro, de forma a denotar distância com relação a ele – decidiu retornar ao Uruguai, ela se opôs. Mantinha, na Argentina, uma rede de conhecidos, tinha vínculos com outras pessoas e outro homem. Mesmo a contra-gosto, regressou ao país de origem.

Em Montevideú, o marido organizou uma empresa que não prosperou, trazendo prejuízos financeiros ao casal. Emigraram de novo, buscando a reorganização das finanças domésticas, e depois se separaram. Tramitado o divórcio, o marido foi contratado para ir trabalhar em uma empresa com sede no Brasil. Nesse momento, o casal estabeleceu que os filhos partissem com o pai, pois *iban a tener otras actividades, que yo por mi parte no se las podía dar acá*.

Amparo gestionou ativamente a partida dos filhos ao exterior e contribuiu para a permanência destes no Brasil. Ajudou com os trâmites de documentação necessários para que Carlos e Andrés pudessem ser contemplados por uma anistia que regularizaria sua situação jurídica e lhes permitiria acessar formalmente o mercado de trabalho no país de imigração. Mesmo quando lhe coube permanecer no Uruguai, não deixou de participar no projeto migratório dos filhos.

Hoje em dia, empregada no café de um Hotel, temerosa de ser demitida antes da aposentadoria, Amparo vê poucas perspectivas para si mesma. Depois de relatar, durante vários encontros, uma intrincada história de trânsitos e rupturas que redefiniram seu papel enquanto mulher na família e na sociedade, minha interlocutora, vestida com seu uniforme de trabalho e debruçada sobre o balcão do bar, reflete: *no sé... siempre me fui atando*.

Apontamentos finais



Em meio ao intenso processo emigratório que vive a sociedade uruguaia, discursos generalizados alertam para a saída massiva de cidadãos em “idade produtiva”⁵. Os jornais falam de uma imagem “introspectiva” que reduz a auto-estima dos jovens, compelindo-os a partir⁶. Um livro lançado solenemente no edifício da Presidência da República apresenta dados quantitativos sobre as características da população uruguaia atualmente⁷. No capítulo destinado às migrações internacionais, cita-se um levantamento segundo o qual a emigração afeta negativamente o bem-estar dos lares mais pobres devido à perda de capital social que ela implica. Há uma tendência, portanto, de se perceber a emigração como solução individual realizada em detrimento dos interesses coletivos.

Dulce quer a resignação, constrói-a coletivamente nos encontros da APHIE, conformou-se com a cabal objetividade da partida de Andrea. Mas a resignação é instável, por vezes, quebranta-se. Isso porque Andrea está em interlocução com a mãe. Suas subjetividades se (des)encontram; o Uruguai fracassa no tocante às oportunidades que oferece cada vez que a filha constata, em suas visitas periódicas, que *no hay avances*. Constituem-se, assim, as causas que, para Dulce, podem justificar a emigração. Minha interlocutora, com efeito, ainda cogita ir embora, afinal, foi co-gestora do projeto migratório de Andrea que era, também, o seu próprio projeto migratório. Resignação instável, permeada de paradoxos.

Amparo viajou para a Argentina com o marido: um projeto familiar. Na hora de regressar, contudo, tornou-se clara, para ela, uma relação de dominação que converteu a volta ao Uruguai numa experiência da qual não se sentia partícipe. O fracasso financeiro da família foi decisivo para que *aquela que era seu marido caísse do pedestal*. Divorciou-se, ingressou no mercado de trabalho em situação de forte exploração: situada num outro lugar da família e da sociedade, gestionou a emigração dos filhos. Eles se foram com o pai não por uma imposição unívoca deste, mas sim porque Amparo entendia que, no exterior, Andrés e Carlos acessariam oportunidades que ela não lhes podia oferecer. A emigração, aqui, não é algo empreendido *pelos* jovens. Trata-se de uma alternativa que está há tempos na família e se implementa no campo de relações de força por ela abarcado.

⁵*Sabías que quienes emigran, el 80% son menores de 30 años y con alto nivel educativo [...] Si pensás irte, pensá dos veces [...] Que los uruguayos y nuestras costumbres sigamos existiendo depende únicamente de nosotros*, dizia um panfleto anônimo que me foi entregue na entrada da Facultad de Ciencias Sociales.

⁶PELLEGRINO, Adela; MACADAR, Daniel. Un puzzle que no se arma. Brecha, Montevideú, 8 abr. 2009. Separata, p. 4-4.

⁷Referência da obra em questão: VARELA, Carmen. Demografía de una sociedad en transición: la población uruguaya a inicios del siglo XXI. Montevideo, Trilce, 2008.



Entretanto, após repassar, em sua narrativa, tomadas de decisão transcendentais que passaram pela ruptura com a estrutura familiar tradicional e possibilitaram a partida e permanência dos seus filhos no exterior, minha interlocutora, paradoxalmente, se vê “atada”. Por que haver ficado significa resignar-se ou atar-se para estas duas mulheres? A contextualização dos seus relatos num campo mais amplo de interlocução ofereceu algumas pistas. Por outro lado, a análise concomitante de discursos e práticas – estas entendidas também como dimensão do discurso – ajudou-me a revelar contrastes entre representações e práticas sociais concretas, ambíguas e, por vezes, antagônicas às narrativas hegemônicas.

Bibliografia

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEVITT, Peggy; SCHILLER, Nina Glick. Perspectivas internacionais sobre migración: conceptualizar la simultaneidad. *Migración Y Desarrollo*, México, n. 3, p.60-91, 2004.
- PELLEGRINO, Adela; KOOLHAAS, Martín. Migración Internacional: los hogares de los emigrantes. In: PETITO, Carmen Varela. *Demografía de una sociedad en transición*: La población uruguaya a inicios del siglo XXI. Montevidéo: Trilce, 2008. p. 115-136.
- SOUZA, Lydia de. Padres con hijos en el exterior: la familia globalizada. *Anuario Antropología Social y Cultural en Uruguay*, Montevidéo, n. , p.143-150, 2006.
- TAKS, Javier. *Migraciones Internacionales en Uruguay: de pueblo trasplantado a diáspora vinculada*. Disponível em: <<http://www.revista.theomai.unq.edu.ar/numero14/ArtTaks.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2007.
- URIARTE, Pilar. Los de afuera son de palo? Música e identidades nacionais em contextos translocais. In SEYFERTH, Giralda et al (orgs). *Mundos em movimento*: ensaios sobre migrações. Santa Maria, Editora UFSM, 2007. p. 385-410.